



## **A voz das crianças nas sociedades democráticas**

Conversas comKids /// MídiaTiva - Centro Brasileiro de Mídia para Crianças e Adolescentes  
São Paulo, Brasil

Para acessar os outros episódios apoiados pelo Goethe-Institut, acesse:  
[goethe.de/tramas/podcasts](https://goethe.de/tramas/podcasts)

### **TRANSCRIÇÃO DO EPISÓDIO**

(Greta Thunberg: *People can change. People are ready for change*)

Quando tinha 16 anos, a ativista sueca Greta Thunberg começou a chamar atenção do mundo para a causa ambiental ao fazer uma greve escolar pelo clima em sua cidade natal, Estocolmo.

(Protestos: *Stop denying, the Earth is dying*)

Mas Greta não encontrou só adeptos à causa no meio do caminho. Chegou a ser chamada de pirralha e sofreu grande resistência ao denunciar os efeitos da crise climática em cúpulas e encontros internacionais, espaços de debate do chamado mundo adulto.

Greta criou o movimento internacional “Fridays for Future” e inspirou crianças e adolescentes mundo afora.

Na Colômbia, Francisco Javier Vera Manzanares, de 11 anos, também vem se destacando por sua atuação ambientalista.

*(Francisco Manzanares - Mi nombre es Francisco Javier Vera Manzanares, soy líder ambiental de un movimiento que se llama Guardianes por la Vida.)*

Este é Francisco, durante uma fala no congresso colombiano.

Francisco fundou o grupo “Guardiões pela Vida”. Além de lutar pela causa ambiental, ele defende os direitos das infâncias e chegou a sofrer ameaça em uma rede social depois de postar um vídeo com pedido de melhor acesso à internet para crianças que estão em aula online durante a pandemia.

Greta...Francisco.. Esses são só alguns exemplos de grande impacto que nos fazem ver que aquele mundo em que apenas se escutava a voz dos adultos, a respeito dos grandes temas, parece estar mudando.

A voz de crianças e de adolescentes sobre assuntos globais, apesar de enfrentar ainda muita resistência, chegou a âmbitos que ninguém imaginaria há algumas décadas. /

E o protagonismo infantil não está só em grandes iniciativas políticas. Está no dia a dia de crianças com experiências como a da Ana, em uma ONG no interior do Nordeste brasileiro.

*(Ana Luiza de Freitas: “Eu nunca achei que eu ia tomar conta de um lugar. Por exemplo, da biblioteca. Eu não sabia que eu ia ser gerente de uma biblioteca, sabe?. Também não sabia que eu ia ser radialista e nem recepcionista de um espaço. Eu não achava que eu ia conseguir ter tanta responsabilidade. Porque...né?...eu sou apenas uma criança e tal.”)*

Mas, afinal, por que a expressão e participação infantojuvenil ainda não são direitos exercidos na prática em muitos espaços?

A inclusão do ponto de vista de crianças e de adolescentes nos debates públicos não seria uma boa forma de melhorar a vivência das infâncias e, conseqüentemente, melhorar o ambiente de todos?

Eu sou Giovana Botti, jornalista, pesquisadora de meios, infância e juventude, e vamos tratar desse assunto neste episódio do Conversas comKids.

## VINHETA COMKIDS

**Geraldo Leite:** Conversas comkids: um podcast sobre comunicação, mídia e infâncias

**Giovana Botti** - Neste episódio do Conversas comKids a gente propõe um diálogo entre duas experiências latino-americanas que podem inspirar novos caminhos de participação infantil em variadas iniciativas da sociedade. Uma delas é aqui do Brasil, e acontece em Nova Olinda, no sertão do Ceará, na Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri, onde as crianças participam ativamente até da gestão da ONG. A outra experiência é a do *Tríptico da Infância*, de Rosário, na Argentina, uma cidade que, a partir da criação de museus e centros culturais, mudou a forma de relação de crianças e jovens com o espaço público. E a gente não poderia começar de outra forma.

**(Ana Luiza de Freitas:**“Eu sou Ana Luiza, eu tenho 11 anos, sou aqui de Nova Olinda, participo da Fundação Casa Grande.”)

**Giovana Botti** - Ana Luiza de Freitas faz parte da gestão da ONG Fundação Casa Grande, de Nova Olinda, no nordeste brasileiro. Ana e as outras crianças da ONG são gerentes de diversos setores do lugar: da galeria de artes, do cineclube, da TV, do teatro, da rádio...

**(Ana Luiza de Freitas:** Você está escutando a rádio Som da Rua, a rádio da Fundação Casa Grande.)

**Giovana Botti** - Ana é locutora em um programa de rádio.

(Ana Luiza de Freitas: “Olá ouvintes. Está no ar o programa Quarto Crescente. No programa de hoje a gente vai escutar...”)

**Giovana Botti** - As crianças também decidem com os adultos a agenda da semana e na administração da ONG eles experimentam autonomia e participação. Tudo na prática.

**(Ana Luiza de Freitas:** “Assim, a gente criança, a gente toma nossas decisões. Assim, mais ou menos. Às vezes os adultos ajudam a gente a tomar nossas decisões. Por exemplo, na minha gerência, na biblioteca infantil. Eu vim pra cá, eu comecei a habitar muito a biblioteca. Então os adultos meio que perceberam que eu gostava daquele espaço. Então na primeira formação eu fui dada como gerente da biblioteca infantojuvenil e depois eu tive o interesse de ser a radialista do programa Quarto Crescente (...)

Ele é um programa que toca somente vozes femininas; ou internacionais ou brasileiras. Nesse programa, além de a gente botar músicas de vozes femininas, eu leio alguns livros da minha biblioteca infantil. As crianças - vamos dizer assim - as crianças são gerentes de tudo. Cada um tem a sua gerência. A minha vizinha de biblioteca, não. Na verdade ela tem a gibiteca e eu tenho a biblioteca. A gente está sendo gerente desses espaços nesse momento, mas quando outras crianças chegarem a gente vai dar espaço pra elas e vamos pular para outra gerência. Entendeu? Assim todos os adultos daqui, na infância, já fizeram parte da Casa Grande, já foram como a gente também.

Eu nunca achei que eu ia tomar de conta de um lugar. Por exemplo, da biblioteca. Eu não sabia que eu ia ser gerente de uma biblioteca, sabe? Eu não achava que eu ia conseguir ter tanta responsabilidade. Porque eu sou apenas uma criança e tal. E agora eu estou mais confiante em fazer as coisas. Qualquer oportunidade eu vou em frente.”)

**Giovana Botti** - O relato da Ana mostra uma experiência brasileira de estímulo à participação infantil. E como a gente vê, isso faz toda a diferença pra ela. Para falar mais sobre o tema a gente chama pra este episódio do Conversas comKids o Junior dos Santos, da Fundação Casa Grande, onde atua a Ana Luísa, que a gente ouviu agora há pouco. O Júnior começou a frequentar e a participar da ONG quando ele tinha 10 anos de idade. Agora ele tem 28 anos, é empreendedor social e é um dos diretores da fundação.

**Júnior do Santos** - *“É isso mesmo. Eu cheguei né, desde a infância, então eu tive essa relação com a Casa, né, que é iniciar brincando e transformar essa brincadeira em profissão. E hoje é o que eu toco a vida.*

**Giovana Botti** - Da Argentina a gente chama pra conversa a produtora e gestora cultural Mariana Loterszpil, do LatinLab, da Argentina. A Mariana é portenha, mas também fala português, né Mariana?

**Mariana Loterszpil** - Falo sim. Oi, a todos e a todas.

**Giovana Botti** - E tem outra convidada especial da argentina neste episódio. Chiqui González, que idealizou o projeto argentino do Tríptico da Infância. Ela vai explicar pra gente o que está por trás dessa ideia que mudou a cidade de Rosário.

E para começar a conversa sobre essas experiências, a gente lembra que a Convenção sobre os Direitos da Infância - esse que é o acordo de garantia dos direitos humanos mais ratificado da história - completou 30 anos em vigor. É uma convenção que promoveu muitos avanços, garantiu a participação ativa de crianças e adolescentes nas comunidades em que elas vivem, para que as crianças possam opinar sobre assuntos, sobre temas, que influenciam nas vidas delas; como o direito à liberdade de expressão, direito à comunicação... uma série de direitos que realente mudou a perspectiva sobre a infância nesses últimos 30 anos. E aí a pergunta que eu faço para abrir essa conversa é sobre isso, Mariana e Júnior. Na realidade, na prática mesmo, vocês vêem novas formas de relação com a criança? A gente avançou nesse sentido?

**Mariana Loterszpil** - Eu acho que a gente avançou, que a gente trabalhou bastante. A gente teve que aprender muito também. Tem uma autora que fala de dois tipos de direitos. Aqueles que são fundamentais, tipo: ter uma família, ter uma acessibilidade para alimentação e saúde, enfim. E outros que são mais de expressão, de ter direito de jogar, de brincar, de falar, de se expressar. Eu acho que esses últimos tipos de direito são os mais difíceis de trabalhar, desde a perspectiva adulta. Que a gente tem que garantir os direitos básicos para crianças, mas também tem que trabalhar muito naquela parte de deixar e habilitar eles, para que "puedan"... possam falar, se expressar. A gente tem que ouvir eles, a gente tem que dar espaços e deixar que eles também assumam a sua parte de cidadãos.

**Júnior do Santos** - Eu também comungo muito da fala da Mariana e eu acho que nesse momento a gente tem visto um momento muito oportuno e que tem

proporcionado à juventude, à criança, ela reinventar seu próprio universo; modificar seu ambiente, onde ela ocupa. E realmente, assim, o que a gente vê nesse cenário é que cada vez mais a criança está vindo de uma forma diferenciada, então ela está vindo muito mais incomodada com seu entorno e se tem construído diálogo. Por exemplo, aqui, que a gente está no centro do Sertão, isso a gente já sente na prática, a partir da Fundação, esse jeito diferente das crianças, de comportamento. Como se o ritmo fosse outro, e nisso a gente é convidado a entrar nesse ritmo, para justamente a gente ter valores assegurados para elas dentro do contexto de participação ativa dentro da sociedade.

**Giovana Botti** - Júnior, quando você entrou na Fundação, o desafio era convencer a família para que a criança pudesse participar da instituição, da ONG. Quais são os desafios hoje para a criança?

**Júnior do Santos** - Isso é assim: os outros desafios é porque, por exemplo, a minha geração chegou com os primeiros computadores que surgiram na casa, então...Hoje o desafio é: de que forma que a criança deixa de ser dominada pela tecnologia e ela domina a tecnologia. Na fundação, por exemplo, a gente não combate o uso do celular. "Criança não pode usar celular". Não. Realmente a gente direciona diversas ações que elas podem fazer a partir do celular: como elas desenvolverem os próprios filmes delas, curtas... Então é isso assim...é questão de entender que esse universo tecnológico está ao nosso favor e que não existe um processo desse refém. Cada vez mais essas crianças, que vem a ser adolescentes e os futuros adultos, eles já entendem isso como um desafio, a gente já vê isso na própria nossa comunidade. A partir desses desafios, a gente tem buscado esse diálogo coletivo dentro da casa. Então, uma das coisas que a gente tem como valor nosso é a equidade, uma hierarquia onde as vozes tenham o mesmo valor. Dentro de uma reunião, a criança ela opina, o adulto dá sua posição e a gente chega num consenso do bem comum, do que a gente vai desenvolver no nosso ambiente. Esse é um dos vários outros desafios que a gente tem.

**Giovana Botti** - Fazer valer a escuta das crianças realmente mexe com hierarquias estabelecidas. E organizações, dos mais variados setores, que começam realmente a levar a sério a escuta da criança, a incluir a criança nos

seus processos de socialização, processos de decisão, essas organizações acabam sofrendo algumas mudanças estruturais. E a gente pode falar um pouco da mídia, por exemplo. Alguns meios de comunicação mostram isso na prática. O meio de comunicação é importante pelo seu papel social fundamental, claro, mas não só porque ele mostra no seu recorte como a sociedade vê a infância, quais são as fronteiras entre ser criança: o que a criança pode, o que que não pode... mas a mídia também é fundamental porque é um instrumento para levar esses pontos de discussão para debate da opinião pública.

Mariana, você tem a experiência de participar da equipe fundadora do PakaPaka, o primeiro canal público argentino de TV infantil - exclusivamente dedicado ao público infantil. Pakapaka já começou desde o início com essa concepção de infância cidadã, criança sujeito de direitos. Como essa concepção muda a estrutura de um meio de comunicação? Como isso impacta os conteúdos que esse meio cria?

**Mariana Loterszpil** - Naquele momento, faz dez anos atrás, PakaPaka foi um projeto bastante inédito para a Latino América toda, mas também tinha algumas bases que a gente conhecia: como o Rá-Tim-Bum, no Brasil, ou o *Once Niños*, no México. Tínhamos também muitas referências aqui na Argentina para somar à nossa equipe, e no começo... começou como um espaço para disponibilizar conteúdo não só na tela, mas também no território, né, de todos e todas. Foi uma decisão política também nesse momento, que agora continua. E acho importante também falar que estamos falando de um Estado que pensa que as crianças são também protagonistas da história. Então, nesse momento... Foi um projeto que cresceu nesses anos, aprendendo com eles também, aprendendo com as crianças. Um dos objetivos foi dar uma visibilidade àquelas crianças que não tinham visibilidade, porque os canais tradicionais só trabalhavam com crianças de cidades, classe média... E é importante mostrar a Argentina toda, né? Daqui...o que aconteceu 10 anos depois? Bom.. O canal está muito adaptado à situação do presente, do momento. Está trabalhando muito com as redes. Acho que as redes, as plataformas, YouTube... A gente tem que tomar muito em conta isso, porque eles estão lá já, não estão assistindo televisão. Ou estão assistindo televisão as crianças menores... o resto está no celular. E a gente tem que aprender também como a gente produz para esses outros dispositivos, para essas outras plataformas. E além disso, o mais importante é como os adultos,

por um lado, disponibilizamos, para o protagonismo das crianças, mas também aprendemos com eles, né? Nos *acercamos*... vamos mais perto deles, para entender o mundo em que eles estão vivendo agora e que são infinitos, muitos... Porque eles também são produtores de conteúdo, porque eles também compartilham seus conteúdos...Porque os adultos muitas vezes ficavam fora, não sabiam o que eles estavam fazendo com esse conteúdo, enfim... Acho que é um momento bem desafiante para os produtores de conteúdo, para os adultos, para docentes, *maestros e maestras*.

Um exemplo na Argentina tem a ver com o movimento "*Ni una a menos*", em que as mulheres adolescentes são muito parte das decisões, muito parte das manifestações, do que aconteceu. Por tudo isso a lei finalmente saiu, mas a juventude, adolescentes e também crianças mulheres foram parte daquele movimento, desse fato histórico que marca também um antes e um depois na sociedade argentina, né? Então, eles formam parte da sociedade - eles e elas - são parte da democracia, decidem, *traccionan*, junto conosco. É, e acho também que é nossa responsabilidade nos perguntarmos quais são as capacidades que eles têm agora, as multiplicidades de possibilidades...porque sempre a gente fala que não tem uma infância, tem milhões... Bom, acho que a mídia tem aquele desafio de entender tudo isso, de ficar perto, de compartilhar...E eu falo sobre uma coisa que é o brincar com eles também - não como se fôssemos crianças, mas como adultos - brincar pra entender melhor esse mundo, esses mundos múltiplos.

**Giovana Botti** - Mariana, e esse entendimento de que eles são impactados por esse mundo tanto quanto os adultos. Você mencionou aí o movimento "*Ni una a menos*", em português "*Nem uma a menos*", movimento de importância histórica na América Latina pela defesa dos direitos das mulheres, Além disso e também por isso mesmo, crianças e adolescentes são peça-chave para a transformação social.

**Mariana Loterszpil** - São sim.

**Giovana Botti** - O conteúdo feito para eles impacta famílias, impacta escolas, impacta outros espaços em que eles transitam - transitam e agem nesses espaços - fazem diferença nesses espaços. É preciso ter uma compreensão do

quanto é importante falar para criança, e o quanto isso reverbera valores importantes para sociedade como um todo: para fortalecer as tramas democráticas e dar mais força aos mecanismos de participação democrática.

**Mariana Loterszpil** - É assim mesmo, e também eles ressignificam o que a gente também faz. Então, eles se apropriam. Eu acho também muito interessante o que a Ana falou lá no testemunho dela e ela falava muito lindo assim: eu decido, não, eu não decido, mas eu decido... Como aquela coisa de: ela decide, mas também decide com o adulto. Então tem aquela coisa de trabalho conjunto, né, mas ela sente que ela está decidindo sobre aquela biblioteca, aquele programa, aquela biblioteca que ela tem como gerente. Achei maravilhoso porque está se fazendo cargo desse projeto, para formar parte de sua identidade. E, pelo que ela fala, parece que mudou sua vida por isso. E isso é um monte, é muito! E acho que também o nosso trabalho tem muito a ver com isso, de disponibilizar esse tipo de espaço, este tipo de possibilidades, para que as crianças sintam que também são construtores e que mudam suas vidas com suas ações, suas vidas e as vidas dos outros.

**Giovana Botti** - Júnior, e a Mariana aí lembrou do depoimento da Ana, que a gente ouviu falando sobre esses processos de decisão dentro da fundação, que não são centrados no adulto.

**Júnior do Santos** - É, isso é muito forte... E de uma maneira que... Os resultados, eles são intangíveis, né. Esse exemplo dela da TV, a gente teve aqui, em 98, a criação da TV Casa Grande, que foi ao ar e a gente teve uma ocasião em que a Polícia Federal chegou em Nova Olinda, porque a gente não sabia que precisava de uma autorização formal pra se colocar uma TV no ar, e quando a Polícia Federal chegou, nossa TV tava tendo mais audiência que todos os principais canais do Brasil e... Logo eles chegaram, e a pessoa mais velha que tinha colocando a TV no ar tinha 16 anos, então a Polícia Federal chegou e não tinha nem quem levar pra responder formalmente. E, naquele momento, foi uma decisão que a gente tomou, a partir da primeira TV que visitou a nossa instituição e a gente falou: a gente quer ter uma também! E aí a gente criou a própria TV, conseguiu comprar os equipamentos e colocou no ar e isso ficou pra história. Até hoje a gente tem o projeto no Ministério das Comunicações para

por nossa TV no ar e infelizmente o Brasil perdeu a oportunidade de ter a primeira TV pensada, criada e feita por criança...(risos) Vamos pra frente!

## **VINHETA COMKIDS**

**Geraldo Leite:** Você ouve Conversas comkids: um podcast sobre comunicação, mídia e infâncias

**Giovana Botti** - Nessa Conversa comKids, a gente também lembra de uma outra experiência que mexe com as estruturas velhas e engessadas do adultocentrismo. É uma experiência que vem da Argentina. E para fazer isso, a gente convidou Chiqui González, que é a idealizadora do projeto Tríptico da Infância. O Tríptico é um complexo de museus, de aparelhos culturais, criados na cidade de Rosário, na Argentina. Todos esses aparelhos culturais têm em comum um objetivo muito especial: o de proporcionar para as crianças espaços públicos onde elas possam ser as protagonistas dos seus próprios aprendizados. Então lá tem a granja da infância, o jardim das crianças, a ilha dos inventos... É um projeto pedagógico urbano, que espalhou na cidade esses aparelhos culturais para incentivar a socialização das crianças, para que elas possam se apropriar dos espaços, para que elas possam experimentar o espaço público. É um projeto bem especial que a Chiqui vai contar pra gente nesse Conversas comKids.

**Chiqui González** - *“Rosario provincia de Santa Fé, Argentina, es un ejemplo innovador de participación y creación infantil, dado que, como cualquier política integral, tiene muchas facetas. Se ha considerado un hito la instalación, crecimiento y enriquecimiento del Tríptico de la Infancia – constituído por la Granja de la Infancia – relaciones entre naturaleza y cultura -, el Jardín de los Niños – homenaje a la imaginación del hombre y de la mujer -, La Isla de los Inventos – el viaje político y poético.*

*Los três amplios espacios antetodo son públicos, municipales, gratuitos o con una entrada que no supera el pasaje de un colectivo.*

*En segundo lugar; no son para chicos. Se constituyen entre chicos y grandes, partiendo del pensamiento y la lógica, la mirada espacial y temporal de la primera*

*infancia para desatar el juego, la construcción y dirigirnos hacia una postura filosófica.”*

**Áudio simultâneo de tradução em português. Tradução Daniel Leite** - Rosario, Provincia de Santa Fe, Argentina, é um exemplo inovador de participação e criação infantil. Como qualquer política integral, lá existem muitas facetas. A instalação, o crescimento e o enriquecimento do Tríptico da Infância são hoje consideradas um marco. Esse espaço é constituído pela Granja da infância (relações entre natureza e cultura), pelo Jardim das crianças (uma homenagem à imaginação do homem e da mulher), e pela Ilha dos Inventos (uma viagem política e poética).

Os três amplos espaços, antes de qualquer coisa, são públicos, municipais e gratuitos, ou contando com um ingresso que não passa do valor de uma condução.

Em segundo lugar, não são apenas “para crianças”. Eles são constituídos entre as pessoas pequenas e grandes, partindo do pensamento e da lógica, do olhar espaço-temporal da primeira infância para disparar o jogo, a construção e nos encaminhar na direção de uma postura filosófica.

**Giovana Botti** - O Tríptico então não é só para crianças, é um convite para o público infantojuvenil e também para os adultos. A proposta é que os espaços da cidade sejam experimentados a partir da lógica infantil e não a partir da visão que os adultos têm das crianças. Por trás dessa iniciativa tem toda uma concepção de política pública pensada para o público infantojuvenil e que estimula a inclusão, a participação, a criação e o protagonismo das crianças.

**Chiqui González** - *“Las políticas públicas que promovemos para las infancias y adolescencias nos hablan de quiénes somos como generación, de la fortaleza democrática que tiene nuestra región o nuestro país, y de la ideología política y poética de los gobiernos que habilitan espacios de inclusión, participación, creación y protagonismo para los niños.*

*Esa apuesta por el grupo de 0 a 20, a 25 años solo es pensado desde gobiernos progresistas que asumen la Paradoja de cuidar y a la vez proteger, brindando también autonomía, libertad de creación en el territorio a la dicha franja etaria.*

*Essa participação não é uma aspiração. Os niños e adolescentes são sujeitos de direitos. Com sua cidadania em suspensão e com poucas possibilidades de incidir em las decisiones políticas con su próprio aporte.”*

**Áudio simultâneo de tradução em português. Tradução Daniel Leite** - As políticas públicas que promovemos para as infâncias e adolescências nos falam de quem nós somos como geração, da fortaleza democrática que tem a nossa região, ou nosso país, e da ideologia política e poética dos governos que habilitam espaços de inclusão, participação, criação e protagonismo para as crianças.

Essa aposta pelo grupo de 0 a 20 ou 25 anos só é pensada desde governos progressistas, que assumem o paradoxo de cuidar e ao mesmo tempo proteger, brindando também autonomia e liberdade de criação no território a essa faixa etária.

Essa participação não é um mero desejo nosso. As crianças e adolescentes são sujeitos de direitos. Com suas cidadanias suspensas e com poucas possibilidades de incidir nas decisões políticas com um aporte próprio.

**Giovana Botti** - No Tríptico não tem guia, não tem visita guiada. A Chiqui conta que as visitas ao Tríptico da Infancia são uma viagem política, que não separa o cognitivo do criativo, não separa corpo da mente e que reforça a importância das escolhas e da experiência no processo de aprendizagem.

**Chiqui González**- *“No hay quienes guíen ni visitas guiadas, el dado que es un viaje político de los niños y jóvenes y adultos, que no separa el cuerpo y mente, ni forma de contenido, ni teoría de práctica, ni objeto y sujeto, ni prioriza el contenido y el mundo de la razón como el mejor abordaje a los diversos saberes.*

*No separamos las operaciones creativas de las cognitivas y ponemos a la vista las redes de representación y simbolización, así como los imaginarios sociales.*

*Propiciamos el deambular, la elección, el error, la materialidad de los procesos, los vínculos y el crecimiento de identidades múltiples.”*

**Áudio simultâneo de tradução em português. Tradução Daniel Leite** - Não há ninguém para guiar ou visitas guiadas, dado que é uma viagem política das crianças, dos adolescentes e adultos. Lá não separamos o corpo e a mente, a

teoria e a prática, o objeto e o sujeito. Não priorizamos o conteúdo e o mundo da razão como as melhores abordagens aos diversos saberes.

Não separamos as operações criativas das cognitivas, e colocamos em evidência as redes de representação e simbolização, assim como os imaginários sociais. Propiciamos o deambular, a escolha, o erro, a materialidade dos processos, os vínculos e o crescimento de identidades múltiplas.

**Giovana Botti** - Palavras inspiradoras de Chiqui González. Mariana, você conhece a experiência do Tríptico da Infância, fala pra gente: qual foi a repercussão na Argentina desse projeto que foi inédito, lá na cidade de Rosário.

**Mariana Loterszpil** - Esse projeto fica em Rosário exatamente, fica a 400 km de Buenos Aires. É um galpão maravilhoso, tem bastante setores, né? E o que acontece aí é que as crianças têm uma participação muito...Eles podem participar em todos os setores que você tem ali no galpão, ou no espaço do jogo, ou naquela granja. É muito utilizado pelas escolas, vão muito para lá, é um espaço efetivamente pedagógico. Bom, tem aquela cabeça da Chiqui, né? É uma amiga muito, muito querida, e é uma pessoa que voa, sabe? E você voa com ela. E ela fez todo esse processo quando foi ministra da província de Santa Fé e disponibilizou todo aquele espaço público para o uso, a utilização das crianças, e você não paga pra entrar lá, é público. Eu fui pra lá duas vezes e é bem impactante, muito impressionante os espaços que estão criados. A Chiqui fala muito da ternura, fala muito da cultura e fala da combinação entre a ternura, a cultura e a transmissão, e você pode ver tudo isso nesse espaço do Tríptico.

**Giovana Botti** - Mariana, e quando esse espaço público convida crianças, adolescentes, a se apropriarem mais da cidade, isso também aumenta o nível de participação delas na cidade. Como olhar uma rua que não tá bacana, um atravessar de rua que não está seguro... Elas se sentem mais donas?

**Mariana Loterszpil** - Se sentem sim donas do espaço. E a proximidade do cotidiano é fundamental, aquela coisa da vida cotidiana das crianças, aquele vínculo entre as crianças, e o afeto, como dizia antes, a ternura... fazem uma combinação poética do espaço, né?

**Giovana Botti** - Chiqui González contou isso pra gente. Ela fala que as infâncias são as chaves da apropriação do espaço público, não só para crianças, mas para toda a sociedade.

**Chiqui González-** *“Las infancias son las llaves de la apropiación del espacio público para todos los ciudadanos y son la entrada a todos los territorios. Para hacer y no para tener. Para aparecer y no para desaparecer. Para revelar con b corta, es decir ponerse de manifiesto en el espacio de todos. Y rebelarse con b larga, incluyendo el reclamo por la ampliación de sus derechos. Por que para los niños y niñas trabajamos porque son cosas de nuestro corazón y queremos que recuperen su lugar en la ciudadanía.”*

**Áudio simultâneo de tradução em português. Tradução Daniel Leite** - As infâncias são as chaves da apropriação do espaço público para todos os cidadãos e são a entrada para todos os territórios. Para fazer e não para ter. Para aparecer e não para desaparecer. Para revelar com “v”, ou seja, para se pronunciar no espaço de todos. E para se rebelar com “b”, incluindo o clamor pela ampliação dos seus direitos. Porque, para os meninos e as meninas trabalhamos, porque são coisas do nosso coração e queremos que recuperem o seu lugar na cidadania.

**Giovana Botti** - Essa foi Chiqui González. Agradecemos muito a Chiqui por ter enviado esse relato especialmente para este episódio. Mariana, não à toa, é um projeto pedagógico urbano, né? É uma cidade que acaba educando, propondo esses espaços públicos. Porque participar também é um exercício de aprendizado, um exercício de cidadania. A gente aprende a como fazer diferença, nas estruturas, é exercitando isso.

**Mariana Loterszpil** - Porque acho assim...facilitar, acompanhar aquelas coisas que são próprias das crianças, como o jogo, a imaginação, tudo isso...esse tipo de aprendizagem também é dos adultos. Esse acompanhamento é uma aprendizagem para gente, para adultos. E acho que também é uma via, um jeito de dar espaço para que eles se sintam escutados, se sintam protagonistas da vida.

**Giovana Botti** - Júnior, você completou 18 anos de Fundação. São 18 anos imerso nessa experiência de participação ativa de crianças. Você passou sua adolescência toda participando dessa experiência de gerir setores dos mais

diversos na Fundação, essa ong criada no Kariri por Alemberg Quindins e Rosiane Limaverde. Muita história para contar, né Junior?

**Júnior do Santos** - É, então, a gestão, de forma participativa, a gente levou um bom tempo para entender. Porque elas já aconteciam na casa e a gente costuma dizer que tudo surgiu pela necessidade. Alemberg criou a Fundação Casa Grande com a necessidade de ter um lugar para abrigar a história do povo Cariri. E as crianças passaram a ocupar esse terreiro que até então era a Casa Mal Assombrada, porque era uma casa que estava em ruínas, era a casa que deu origem à cidade. E dentro dessa perspectiva as crianças começaram a ocupar esse ambiente. Começaram a ocupar no sentido da memória, de entender o que existia dentro daquela casa... E a partir daí, quando os turistas chegavam, e que Alemberg e Rosiane começavam a recepcionar, as crianças começavam a invadir essa conversa, falando que também conheciam esse lugar, que estavam contando a história. Muitas das vezes eles não estavam presentes e as crianças passavam a mostrar a casa e apresentar para as pessoas. Isso, na verdade, foi criando esse lugar. O que ele almejava era que os cientistas, arqueólogos e historiadores buscassem esse Memorial do Homem Kariri, mas foi invadido anteriormente pelas crianças. E ele construiu esse ambiente para a criança, que era o da apropriação. Por exemplo, imagina uma criança de 9 anos ter um programa de rádio, como foi falado no início; a Ana Luiza. Então, naquele momento que ela tá na rádio, o que o adulto teve como uma prioridade foi construir um bom conteúdo que entre dentro desse laboratório. Se a gente sabe que todos os discos que existem naquela rádio passaram por uma triagem, com certeza o conteúdo que ela for passar no programa dela vai ser um conteúdo que realmente vai favorecer a formação daquela comunidade.

**Giovana Botti** - Interessante isso que o Junior traz. De alguns valores que essa experiência, que esse aprendizado da participação, acaba trazendo para a vida da criança e reverberando para a comunidade. É o cuidado do outro, a tolerância, a convivência entre os diferentes, a socialização da forma mais civilizada para a convivência no espaço público, é o pensar no coletivo...isso tudo também acaba impactando a cidade, acaba educando.

**Júnior do Santos** - Hoje escolas principalmente do Sudeste fecham suas portas durante a semana e ficam uma semana inteira com todos os seus alunos aqui em campo, tendo a vivência. Tipo assim: como é o dia a dia de uma criança que

mora no sertão? Então a única forma de saber como é se essas outras crianças ficarem em suas casas, circularem dentro da comunidade, entender o quanto elas têm autonomia em suas decisões. Tipo: elas vão para a Casa Grande sozinhas, elas sabem a hora que tem que chegar, não é que tem uma folha escrita “toda criança tem que chegar tal hora”, não, não é.

**Mariana Loterszpil** - Eu queria perguntar uma coisa. A comunidade é pequena?

**Júnior do Santos** - É, isso mesmo. A gente está no sul do Ceará, na cidade de Nova Olinda, que tem 15 mil habitantes. Está inserida na região do Cariri, que é formada por 28 municípios e está no estado do Ceará, que tem um pouco mais de 180 municípios. Então, assim, o trabalho da Fundação, até 2010, 2011, ele se restringia apenas à cidade de Nova Olinda. Quando a gente criou o projeto dos Museus Orgânicos, isso transcendeu para mais cidades da Chapada do Araripe. Eu estava falando de território, né? Tanto que eu falo que se o Brasil fosse dividido por biomas, o Cariri seria um estado. Porque a gente aqui tá no entorno de uma chapada que tem 60 a 80 km de extensão, isso transitando entre 3 biomas: a Caatinga, o Cerrado e a Mata Atlântica.

Existia a cultura desse povo no entorno de toda essa chapada e a Fundação hoje ela tem o trabalho de ser essa casa do patrimônio da Chapada do Araripe. E então a gente pegou toda essa essência desses valores que ocorrem ali na Fundação Casa Grande e tem levado para várias outras comunidades do entorno da chapada, e sempre com esse foco na infância. Então quando a gente tem esse foco na infância, é sinal que a gente garante aqueles valores, princípios daquelas comunidades, por mais 20 anos, então esse é o nosso trabalho aqui.

**Mariana Loterszpil** - Queria contar também, como exemplo de participação das crianças, que o PakaPaka está no começo da criação de um conselho de crianças do país, duas crianças por província. Vão mudando, não é sempre a mesma dupla, mas eles vão ser parte das decisões da programação, bem como da parte diretiva do canal. E é a primeira vez que uma coisa assim acontece. É também uma provocação para as crianças, para a sociedade. Para Pakapaka também deve ser um desafio trabalhar desse jeito com crianças do país todo, porque depois você se senta no escritório e pensa que tem tudo isso, você é adulto, e...Como você faz aquele recorte, como toma a decisão de por onde ir? Mas eu acho interessante, bem lindo de trabalhar.

**Giovana Botti** - Ótima notícia essa de criação de conselho de crianças no canal Pakapaka, Mariana, que você traz. Eu acho que tanto do Cariri quanto da Argentina a gente tem provocações maravilhosas e que estabelecem um diálogo interessante aí sobre uma aposta na criança para a transformação social.

Quando a gente estimula a participação das crianças, e ao direito de expressão e opinião, acabam surgindo alguns dilemas muito próprios desse mundo contemporâneo em que a gente vive. É o caso da criança na internet. A internet é um terreno complicado porque em alguns ambientes e atividades criadas sem cuidado - adultos também - não só crianças estão sujeitos à vulnerabilidade de privacidade, dados, imagens...Em caso de crianças a situação é ainda mais complicada. Agora durante a pandemia a gente teve o caso do Francisco Vera, o menino colombiano de 11 anos, que sofreu ataque na internet por pedir mais acesso à educação durante as aulas online. Ele é ativista, defende o meio ambiente, e acabou sendo alvo de ataque na internet, depois deste pedido por melhores condições na educação. Enfim, aumentar o nível de participação das crianças no contexto social também cria esses dilemas.

Mariana, Junior... a gente quer garantir proteção e também quer dar autonomia. É difícil conciliar essas duas coisas?

**Mariana Loterszpil** - Eu acho também que as crianças devem ser acompanhadas por nós, adultos. Não só acompanhamento adulto, mas também acompanhamento desde a lei. Para que essas coisas, se acontecerem, tenham um apoio legal, desde a lei, para proteger a criança.

**Júnior do Santos** - É, eu também, dentro desse posicionamento; é muito forte isso aqui. E ao mesmo tempo estamos falando de famílias a que foram negadas o direito de acesso à informação. Você vê pelo nível de famílias alfabetizadas que a gente tem no sertão, um número bem inferior. Então, por exemplo, a partir do momento que uma criança - de 7 a 8 anos - domina aquela tecnologia, é como se ali ela transcendesse aquele acesso até do próprio pai, da mãe que não dominou aquela tecnologia. Então de certa forma isso acaba assim, para a Fundação, trazendo uma responsabilidade ainda maior, que é a de trazer a criança e seus familiares para esse desafio ser uma ação conjunta, exatamente para a gente construir esses valores.

**Giovana Botti** -A gente também teve o caso emblemático da Greta,que foi escolhida como personalidade do ano da revista estadunidense Time, em 2019, mas que também sofreu muita resistência, inclusive de líderes mundiais por contestar pela bandeira do meio ambiente. Por que ainda se estranha tanto o direito de expressão e participação de criança e adolescente?

**Mariana Loterszpil** - Eu acho que - um pouco falei disso no começo - ainda falta muito caminho por andar para reconhecer os direitos das infâncias e das adolescências que têm a ver com o direito de expressão, de se expressar, de participar dos assuntos da sociedade. Especialmente tudo que seja sustentabilidade, o planeta. Os adolescentes estão participando muito, estão muito preocupados (com esse tema) porque é um planeta que eles habitam e vão habitar mais tempo do que nós. E eu acho que ainda falta muita educação para os adultos sobre os direitos das crianças e dos adolescentes, principalmente aqueles direitos que tem a ver com isso: com a expressão, com o direito a participar dos problemas da sociedade, enfim. E os adultos são os que reagem às atitudes dela. Então somos nós, adultos, que temos que aprender muito sobre isso.

**Giovana Botti** - O adulto tem que se abrir para essas outras lógicas na escuta das crianças. Júnior, que lógicas são essas, por exemplo, que vocês acabam vivenciando dentro da Fundação, nessa gestão compartilhada com crianças?

**Júnior do Santos** - É... laboratórios, atividades surgem e deixam de existir a partir das ações das crianças. Tem criança que chega e faz uma provocação: “por que é que aqui não tem um parque?” Então vamos criar um parque. Então, já que você deu essa ideia, com que material você acha que a gente poderia construir esse parque? “Ah, meu pai é marceneiro, eu acho que ele consegue construir um parque”... Vamos construir esse parque então. E aí ele vai construir essa história de construção de um parque. Agora alguém vai ter que organizar como é que esse parque tem que funcionar. Da mesma forma a gente faz com a nossa biblioteca. Então as crianças chegam e se apropriam.

Existe aquela criança que sempre gosta de organizar a brincadeira do ambiente. Naturalmente essa criança, quando chega no momento, ela já se identifica com a gestão do ambiente, né. Por exemplo, a Ana Luiza é um caso desse. Ela

sempre foi uma criança que na biblioteca ela chegava para organizar a roda de leitura. Então ela se incomodou de só organizar a roda de leitura, e falou: “o que que eu preciso fazer para ser gerente?” O que a gente, enquanto adulto, tem desenvolvido muito mais, é a sensibilidade de criar junto. É muito mais isso, porque os desafios são constantes.

Então cada criança chega com uma ideia nova. Tem criança que há tempos disse: “Alembert, eu queria ser gerente de todos os papezinhos”. E aí ele chegou e disse: “Então tá certo, então você vai ser responsável por tudo, por todos os papéis que estiverem no chão na casa”. E aí, depois de um dia, ele viu que não dava conta, queria ser exonerado desse cargo. Então é isso (risos). Surgiu e no mesmo dia passou a não existir, porque ele viu que não dava conta. Então não teve mais outro que teve essa ideia de ser gerente dos papezinhos. E aí a gente trouxe isso né também para uma outra metalinguagem... olha, pelo fato de todo mundo jogar papel no chão, cria uma inviabilidade. Não tem um gerente de papezinhos porque todo mundo joga, todo mundo joga papelzinho (risos). E aí veio a necessidade, ele disse assim: “olha, necessariamente não vai ter um porque a partir de agora ninguém mais vai jogar papelzinho no chão”. Então é isso, né? Para cada um tem uma história...

**Mariana Loterszpil** - Eu pensava também, enquanto te escutava, Júnior, que é tão importante escutar as perguntas, e que as perguntas das crianças são muito disparadoras, muito inspiradoras, para trabalhar, para *traccionar*, para criar, para produzir. E isso também é importante. É claro que você também foi parte desse processo, então você está aí com uma espécie de simetria com as crianças e isso é fundamental. Para entender quando, e de que forma, a gente pode construir, e ficar nessa simetria com as crianças, fazer perguntas, nos fazer perguntas, escutar as perguntas, responder com outra pergunta. Às vezes não tem uma resposta assim tão clara. E você faz outra pergunta. Isso é uma brincadeira, um jogo, que eu adoro, que eu acho bem divertido, que eu acho bem... enriquecedor.

**Giovana Botti** - É isso aí gente. E ser gerente de papelzinho ninguém merece né, Júnior? (Risos) Bom, vamos terminando por aqui, eu acho que participação infantil é um aprendizado para todo mundo, para todas as instituições, políticas de estado, para rever conceitos acadêmicos, mexer com as estruturas mesmo, é

provocação, e é aprendido para criança e adulto também. Essa roda de conversa contou com Júnior do Santos, da Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Cariri, do interior do Ceará, uma ONG gerida por crianças. E contou também com Mariana Loterszpil, da Argentina, produtora, gestora cultural e comunicadora audiovisual para crianças, diretora do Latinlab. Obrigada, gente. Até o próximo episódio das “Conversas comkids”, sempre com um tema sobre comunicação, mídia e infâncias. Até a próxima!